



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em geografia – UFPR

Site: www.ser.ufpr/geografar

e-mail: geografar@ufpr.br

Vol. 20 – Nº 1 (janeiro a junho/2025)

ISSN: 1981-089X

Nota Editorial

Atravessamos o primeiro semestre de 2025 com o horizonte da COP-30, a realizar-se em Belém do Pará, cada vez mais próximo. A escolha da Amazônia como sede desse importante evento internacional reitera a centralidade dos territórios brasileiros nas discussões sobre clima, biodiversidade e justiça ambiental, mas também impõe responsabilidades políticas que extrapolam as promessas diplomáticas e exigem compromissos efetivos com os povos e ecossistemas que habitam e constituem esse espaço. É nesse cenário de urgências globais e lutas locais que apresentamos mais uma edição da Revista Geografar, reafirmando a Geografia como ciência comprometida com os desafios de seu tempo.

Ao mesmo tempo em que se projeta como liderança ambiental, o Brasil enfrenta pressões externas que colocam em xeque sua soberania. A recente investida do governo estadunidense, com o chamado “tarifaço” impulsionado por Donald Trump, revela como interesses econômicos e políticos internacionais seguem tentando moldar a condução das políticas ambientais, energéticas e comerciais do Sul Global. Ao mesmo tempo em que o Brasil busca afirmar seu protagonismo ambiental, enfrenta pressões externas que ameaçam sua soberania. A recente ofensiva do governo estadunidense, articulada com setores da extrema direita bolsonarista, manifestada no chamado “tarifaço” de Donald Trump, expressa interesses políticos e econômicos que buscam interferir diretamente nas políticas brasileiras de desenvolvimento e comércio. Essa movimentação evidencia a tentativa de impor agendas exógenas que restringem a autonomia do país, colocando em risco projetos estratégicos de valorização territorial, proteção ambiental e inclusão social. Diante disso, a Geografia precisa seguir atenta às escalas, aos conflitos e às múltiplas territorialidades que compõem o jogo geopolítico contemporâneo.

É nesse contexto marcado por tensões políticas, econômicas e ambientais que os artigos desta edição ganham ainda mais força e relevância. Eles nos convidam a refletir sobre os territórios a partir de suas singularidades, relações e resistências, oferecendo uma pluralidade de dinâmicas que atravessam o Brasil urbano, rural, costeiro e sertanejo. Ao destacar essas múltiplas territorialidades, a revista reafirma a importância de se pensar o espaço não apenas como um dado físico ou econômico, mas como um campo simbólico onde se entrelaçam memórias, identidades, saberes e disputas sociais.

O primeiro artigo, ao revelar as potencialidades geoeducativas e geoturísticas do geossítio Pedra do Letreiro, no Ceará, fulgura como os lugares carregam camadas complexas de significado que vão além da sua



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em geografia – UFPR

Site: www.ser.ufpr/geografar

e-mail: geografar@ufpr.br

Vol. 20 – Nº 1 (janeiro a junho/2025)

ISSN: 1981-089X

dimensão material. Nesse local, as gravuras rupestres e os elementos geológicos não são apenas vestígios do passado, mas assumem uma função viva enquanto instrumentos de memória coletiva, de produção do conhecimento científico e de pertencimento cultural. A proposta de integrar esses espaços ao ensino e à sensibilização ambiental torna-se, assim, uma prática política que resiste ao apagamento histórico e à mercantilização crescente da paisagem, reafirmando o direito dos sujeitos e das comunidades de se reconhecerem e se relacionarem com seu território de maneira crítica e consciente.

Esse gesto pedagógico de valorização do território como espaço de ensino aponta para uma Geografia que transcende as fronteiras disciplinares tradicionais e dialoga com a cidadania ambiental, promovendo um engajamento que une educação, preservação e participação social. Dessa forma, o artigo coloca em evidência como a apropriação crítica dos espaços naturais e culturais pode funcionar como uma estratégia para fortalecer processos de autonomia territorial e justiça ambiental, desafiando as lógicas hegemônicas de exploração e exclusão.

Seguindo essa trilha crítica, o segundo texto oferece uma análise aprofundada do sistema socioambiental urbano de Piranhas, em Alagoas, destacando a seca como um evento climático extremo de grande impacto para a região. Mais do que um fenômeno natural isolado, a seca é entendida como um processo que interage com as estruturas sociais, econômicas e urbanas, comprometendo modos de vida tradicionais e as condições de habitabilidade da cidade. Ao enfatizar a relação entre os fatores naturais, como a geomorfologia, o clima semiárido e a hidrografia, e os determinantes humanos, o estudo evidencia a complexidade das vulnerabilidades locais e a necessidade de políticas públicas integradas que considerem as especificidades territoriais para mitigar os efeitos da crise hídrica e garantir a resiliência da população.

Na mesma perspectiva, o terceiro artigo direciona seu olhar para o povoado Ponta dos Mangues, em Pacatuba, Sergipe, e denuncia os processos de degradação ambiental que ameaçam a integridade do ecossistema e o bem-estar das comunidades locais. A partir de uma abordagem fenomenológica e afetiva, o texto revela como a desconexão entre os sujeitos e o ambiente, agravada pela falta de fiscalização e ausência de práticas efetivas de educação ambiental, contribui para a deterioração do espaço. Nesse contexto, a educação ambiental informal é proposta como uma estratégia fundamental para reverter esse quadro, promovendo a conscientização, a valorização do patrimônio natural e a retomada de um vínculo mais harmonioso entre sociedade e natureza. Ao destacar a importância do engajamento comunitário e das práticas cotidianas de cuidado ambiental,



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em geografia – UFPR

Site: www.ser.ufpr/geografar

e-mail: geografar@ufpr.br

Vol. 20 – Nº 1 (janeiro a junho/2025)

ISSN: 1981-089X

o artigo coloca em evidência a potência das ações educativas como formas de resistência e reencantamento do cotidiano, capazes de inspirar mudanças sustentáveis e justas.

A crise hídrica urbana também é o foco do quarto trabalho, que investiga os impactos da urbanização desordenada sobre os habitats aquáticos do Igarapé Uai, localizado na zona oeste de Boa Vista, Roraima. A pesquisa evidencia como a ocupação irregular e a expansão urbana sem planejamento adequado têm provocado a degradação ambiental, manifestada por contaminação, assoreamento e perda de biodiversidade nos corpos hídricos locais. Essa realidade denuncia a ausência de políticas públicas efetivas que consigam articular o direito à moradia da população com a necessária conservação dos recursos naturais, um dilema que se repete em diversas cidades brasileiras. O estudo reforça a urgência de estratégias integradas que promovam a sustentabilidade urbana, conciliando justiça social e proteção ambiental, e aponta para o papel fundamental da educação ambiental e da participação comunitária como instrumentos para reverter o quadro atual.

O quinto artigo, por sua vez, propõe uma abordagem inovadora e sensível do território ao mapear, a partir da Geografia Humanista, as experiências e os sentimentos dos estudantes do bairro Parangaba, em Fortaleza, Ceará. Em um contexto marcado pela crescente despossessão territorial e pela mercantilização dos espaços urbanos, essa pesquisa valoriza o vínculo subjetivo dos moradores com seu lugar de residência como uma dimensão essencial para compreender as dinâmicas espaciais. Por meio dos mapas afetivos, os alunos expressam sentidos de pertencimento, insegurança, contraste e transformação, revelando as múltiplas camadas de significado que os espaços urbanos carregam para seus habitantes. Essa retomada do olhar afetivo sobre o lugar abre caminhos potentes para o engajamento político e pedagógico, na medida em que fortalece a consciência crítica sobre os processos de exclusão e resistência presentes nas cidades contemporâneas.

Por fim, o sexto artigo estabelece um diálogo fundamental entre a Geografia e as Artes Visuais no contexto escolar, evidenciando a potência das expressões culturais afro-brasileiras na construção do conhecimento geográfico e na luta contra o racismo estrutural. Ao integrar práticas artísticas como desenhos, pinturas em colchas de retalhos e telas de algodão, desenvolvidas em escolas de ensino médio nas cidades de Salvador (BA) e Petrolina (PE), o texto revela como a arte pode funcionar como um espaço de resistência cultural e de afirmação identitária. Essa articulação entre arte, identidade e território contribui para a visibilização das múltiplas faces do Brasil, especialmente aquelas historicamente silenciadas e marginalizadas.



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em geografia – UFPR

Site: www.ser.ufpr/geografar

e-mail: geografar@ufpr.br

Vol. 20 – Nº 1 (janeiro a junho/2025)

ISSN: 1981-089X

Além disso, a proposta educativa apresentada no artigo se configura como um passo importante para a implementação de uma pedagogia antirracista e intercultural, em consonância com a Lei 10.639/03, que institui o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas. Ao promover o reconhecimento da diversidade cultural e das narrativas afro-brasileiras, a articulação entre Geografia e Artes Visuais potencializa a formação crítica dos estudantes, sensibilizando-os para as desigualdades estruturais presentes no espaço social e fomentando o respeito às diferenças. Dessa forma, o artigo aponta caminhos possíveis para uma educação geográfica que não apenas transmita conteúdos, mas que também seja comprometida com a justiça social e a valorização das identidades plurais do Brasil contemporâneo.

Esta edição reafirma, portanto, a potência da Geografia enquanto prática ética, crítica e situada, capaz de desvelar as complexas relações entre sociedade, natureza e poder. Em um cenário marcado por catástrofes climáticas que evidenciam a vulnerabilidade dos territórios e suas populações; por conflitos geopolíticos que desafiam a soberania e a autonomia nacional; e por apagamentos culturais que silenciam vozes historicamente marginalizadas, os artigos aqui reunidos nos convocam a uma reflexão profunda e urgente. Pensar o território, conforme nos mostram essas pesquisas, não se limita à descrição do espaço físico, mas constitui um ato político de disputa pelos sentidos, pelas memórias e pelos futuros que queremos construir.

Que as reflexões apresentadas neste número possam inspirar novos olhares, fundamentados em pesquisas engajadas e comprometidas com a justiça socioambiental, e fomentem ações transformadoras capazes de contribuir para a construção de territórios mais inclusivos, sustentáveis e plurais. Que esta revista continue sendo um espaço fecundo para o diálogo interdisciplinar, a produção crítica de conhecimento e a ampliação das vozes que insistem em transformar o mundo.

Desejamos a todas e todos uma excelente leitura, que os conteúdos aqui apresentados alimentem o pensamento e o debate, fortalecendo a rede de pesquisadores, docentes, estudantes e agentes sociais que compartilham o compromisso com a Geografia como ciência e como ferramenta de emancipação.

Seguimos juntos, na Revista Geografar, firmes no propósito de dar voz à ciência, às culturas e às questões que moldam nosso tempo, na esperança e no esforço contínuo por um futuro mais justo e sustentável.

Comitê Editorial